

O TEMA NA LINGUAGEM DO AMAZÔNIDA PARAENSE

Célia Brito

*Ivonete Brito e Patricia Marques**

Universidade Federal do Pará

- **RESUMO:** *Apresentam-se, neste trabalho, resultados do projeto de pesquisa, desenvolvido na UFPA, "Funções pragmáticas extrafrase e intrafrase na construção de narrativas orais do amazônida paraense", referentes ao estudo da função pragmática tema. Esse projeto preocupa-se em dar conta da cognição do amazônida paraense, quanto a fatos sintático-semântico-pragmáticos, buscando, para tanto, fundamentos de base funcionalista.*
- **PALAVRAS-CHAVE:** *Tema; Função Pragmática; Orientação Funcionalista.*
- **ABSTRACT:** *This work aims at presenting the results of a research project developed at UFPA: «Extrasentential and intrasentential pragmatic functions in the construction of oral narratives of the Pará amazonian». It refers to the study of the pragmatic function "theme"(tema). Based on a functionalist framework, the project seeks to account for the cognition of the Pará amazonians, in so far as syntactic, semantic and pragmatic facts are concerned.*
- **KEY WORDS:** *Theme; Pragmatic Function; Functional Orientation.*

Neste trabalho, apresentamos resultados do projeto de pesquisa "Funções pragmáticas extrafrase e intrafrase na construção de narrativas orais do amazônida paraense", referentes à função pragmática extrafrase *tema*. Analisamos essa função tendo por base dados de narrativas que fazem parte do acervo do projeto integrado "O Imaginário nas Formas Narrativas Orais Populares da Amazônia Paraense" (IFNOPAP), desenvolvido no Centro de Letras e Artes da UFPA desde 1993.

O *corpus* examinado consta de 60 narrativas orais de amazônidas não-escolarizados ou com baixo grau de

* Ivonete Brito e Patricia Marques, bolsistas do CNPq (do projeto *Funções Pragmáticas Extrafrase e intrafrase na construção de narrativas orais do amazônida paraense*), participaram da coleta de dados para esse artigo.

escolaridade: 20 gravadas na área metropolitana de Belém e 40 gravadas no interior do Estado: 20 na cidade de Abaetetuba, e 20 na cidade de Altamira, que relatam histórias reais e imaginárias¹.

Procuramos com esta pesquisa dar conta de processamentos cognitivos do amazônida paraense, quanto ao fato lingüístico aqui examinado, buscando, para tanto, fundamentos de orientação funcionalista. Assim, o *tema* foi considerado com base em processamentos lingüístico-textuais inerentes à natureza interlocutiva do ato de narrar.

Concebemos o *tema* partindo das considerações que Dik (1989) postula acerca das funções pragmáticas extrafrase (*extra-clausal*) e intrafrase (*intra-clausal*) apontadas no capítulo "Pragmatic Functions". O *tema*, para esse lingüista, é visto como um dos 3 tipos de função pragmática extrafrase: *iniciador*, *tema* e *destinatário*. Dik não chega a definir *tema*; apenas apresenta um exemplo de construção em que ocorre essa função pragmática extrafrase. A construção é a seguinte:

(1) "As for the students [thema], they won't be invited"

¹ As histórias gravadas em Belém são: A mulher misteriosa, A menina do hospital, Boto I, Boto II, Curiosidade, Festa no céu, Iara, Garoto desaparecido, Igreja da Terra Firme, Jabuti I, Jabuti II, Lobisomem, Matinta Pereira I, Matinta Pereira II, Matinta Pereira III, Mulher de branco, Primeiros moradores, Tesouro, Um bicho estranho e Visagem. As histórias gravadas em Abaetetuba são: A cobra I, A cobra II, A caçada, A mulher do táxi, A praga, Boto III, Dia Santo, Lobisomem II, Lobisomem III, Matinta Pereira IV, Navio assombrado, Noratinho, O castigo, O desaparecimento, O guloso, O lugar encantado, O monstro do trapiche, O padre, O peru e Visagem. As histórias gravadas em Altamira são: A moça que fugiu, Carçoço de milho, Colônia, Et de Altamira, Família Portuguesa, Gato preto, Índios Bororós, Jacaré da lagoa, João Comilão, Medo de gado, O beijo da baiaba, O homem da cruz, Oncinha, O rapaz que sumiu, Pedral, São Benedito, Três rapazes caçadores e Voadeiras.

Quanto aos estudantes [*tema*], eles não serão convidados.

O segmento *as for the students* (*quanto aos estudantes*), na ocorrência (1), não faz parte da estrutura da frase; é usado com o intuito de o locutor chamar atenção para o que vai ser tratado a seguir: é sobre *the students* (*os estudantes*) que se informa algo. Esse segmento, no interior da predicação que o segue, é retomado por um pronome pessoal (*they/eles*). Deduzimos daí que, segundo Dik, *tema* é uma função pragmática extrafrase que ocorre no início do enunciado e é retomado, na predicação que o segue, por um pronome *co-referente* (*cópia* ou *sombra*).

Entendemos, em nossa pesquisa, que *tema* é um segmento que desempenha função pragmática, se apresenta no início do enunciado, não faz parte da estrutura da frase e, diferentemente do que Dik deixa ver na construção (1), acima, *pode* ser retomado por um pronome co-referente. Consideramos, por outro lado, que a função pragmática extrafrase *tema*, antes de mais nada, corresponde a uma estratégia discursivo-argumentativa de expressão. Não decorre, como à primeira vista pode parecer, da natureza do discurso não-planejado da língua oral. A prova disso é que, na língua escrita, comumente essa função pragmática se apresenta no discurso até daqueles que conhecem a estrutura normativa da língua portuguesa.

Em textos de escritores luso-brasileiros (Cunha & Cintra, 1985), buscamos identificar essa função pragmática, conforme as ocorrências (2) (3) e (4), a seguir. Em todas essas ocorrências, o *tema* é retomado na predicação que o segue por uma elipse.

(2) "Os pastores parece que vivem no fim do mundo."

(Ferreira de Castro, OC, I, 435)

(3) "O próprio ministro dizem que não gostou do ato."

(Machado de Assis, OC, I, 643)

(4) "Nas porteiras ou nos terreiros das fazendas, as pessoas que a gente vê parece que brincam de tomar conta da natureza."

(Ribeiro Couto, C, 32)

O "deslize" sintático que essas construções apresentam é considerado pela tradição gramatical como a figura de sintaxe *Prolepse*. Encontramos, em Cunha & Cintra (1985), a seguinte definição dessa figura: "*Prolepse* (do grego prólepsis 'ação de tomar antes'), figura também conhecida como *Antecipação*, consiste na deslocação de uma oração para outra que a preceda, com o que adquire excepcional realce".

Tema para Dik e para nós não corresponde, portanto, ao que Halliday (1985) considera como *tema*, porquanto para esse lingüista o *tema* "é o ponto de partida da mensagem", podendo também preencher um lugar na estrutura da sentença². Corresponde, sim, ao que Pontes (1987) trata como *tópico*, exceto casos, como a ocorrência referida por essa pesquisadora: (5) "Dessa cerveja eu não bebo", cujo segmento *dessa cerveja* é concebido como *tópico* por Pontes, mas não por nós como *tema*, pois faz parte da estrutura da frase. Consideramos esse segmento como *tópico*, mas esse sendo entendido, conforme concebido por Dik (1989), como função pragmática intrafrase, que se relaciona com a informação *dada* ou *nova*, segundo se apresente, respectivamente, como conhecida, ou não, do interlocutor.

² Castilho (1995), por seguir Halliday, considera como *tema* constituintes que se apresentam no início da frase, e, assim, observou em sua pesquisa sobre a língua falada – LF (1997) que o tema se apresenta na língua portuguesa como sintagma nominal, anáfora zero, sintagma preposicionado, sintagma adverbial e sintagma verbal monoargumental e que esses diferentes tipos de *tema* desempenham funções sentenciais de sujeito, adjunto adverbial, objeto direto. Castilho observou, ainda, que na LF o *tema* pode realizar-se como uma construção de *tópico*. *Tópico* aqui é entendido como um segmento que ocorre antes da frase – nesse caso, é retomado por um pronome *co-referente* ou *cópia* – ou como um segmento que se situa depois da sentença – nesse caso, corresponde a um *antitópico*.

Tipos de *tema* que o *corpus* revelou

A estrutura da frase na língua portuguesa é tida como formada por dois constituintes: *sujeito* e *predicado*. Esse modo de se considerar a estrutura da frase da língua portuguesa herdamos dos indo-europeus (Benveniste, 1976), que concebiam o mundo de forma binária e, assim, como é natural, o expressavam lingüisticamente por meio de relações binárias. A tradição gramatical, pautada em escritos dos clássicos, deu-nos a conhecer essa estrutura de frase como sendo a que corresponde ao modo de expressarmos também o mundo lingüisticamente. Observando-se, entretanto, a realidade oral da língua portuguesa, vemos que essa língua apresenta enunciados não só com os constituintes sujeito e predicado, mas, também, com segmentos extrafrases seguidos de uma estrutura frasal; caracterizando-se, portanto, segundo a tipologia que Li e Thompson apud Pontes (1987) definem das línguas, como uma língua que apresenta *proeminência de tópico e sujeito* (diríamos que apresenta *proeminência de tema e sujeito*).

Observamos, nas narrativas analisadas, 47 ocorrências da função pragmática extrafrase *tema*, que foram classificadas considerando-se a categoria sintagmática que apresentam. Ao todo encontramos 9 tipos de tema.

– SN com pronome cópia elidido, ou não, como co-referente (22 ocorrências)

- (6) *esse senhor... ele* foi numa festa (Boto II, Belém)
- (7) *aquele negócio de lobisomem ... aquilo* é espírito (Lobisomem I, Belém)
- (8) *gigante ... Ø* mora aqui tanto tanto tempo né? (Curiosidade, Belém)

A construção (6) apresenta como tema o SN *esse senhor*, que corresponde a um referente que o falante considera que está presente no contexto situacional, e como co-referente o pronome cópia *ele*. A construção (7) apresenta como tema o SN *aquele negócio de lobisomem*, que corresponde a um referente que o falante considera ativado na mente do interlocutor, e como co-referente o pronome cópia *aquilo*. Por outro lado, a construção (8) é monoargumental e apresenta como tema o SN *gigante*, não determinado, e como co-referente a *elipse*, que funciona como sujeito da predicação que segue esse tema; o SN *gigante* não apresentaria o tipo de tema acima referido, caso estivesse determinado por um artigo ou por um pronome. Concluimos, assim, que referentes não-textuais bem como a não-definitivação de um referente são fatores que se relacionam com o tema.

– Pronome pessoal dêitico com co-referente, elidido ou não, igual ao tema (6 ocorrências)

(9) *eu* ::: uma vez *eu* vi (Cobra I, Abaetetuba)

(10) *e nós* ... recurso \emptyset não tínhamos de jeito nenhum (Primeiros moradores, Belém)

A construção (9) tem como tema o pronome pessoal dêitico *eu* e como co-referente o próprio pronome pessoal *eu*. A construção (10) apresenta como tema o pronome pessoal dêitico *nós* e como co-referente a *elipse* (\emptyset) desse pronome. Poder-se-ia até pensar que nessa ocorrência houve topicalização, ou seja, o deslocamento do pronome *nós* para o início da frase, ficando na estrutura dessa o vestígio desse pronome na posição de sujeito. Mas o deslocamento do complemento do verbo (*recurso*) deixa claro que o falante elege como tema o pronome *nós* e como co-referente deste, a *elipse*. Concluimos então que o deslocamento de SNs na estrutura relaciona-se com o tema.

– SN com SN como co-referente (4 ocorrências)

(11) *Thiane aquela velha* que mora perto de tua casa (Navio assombrado, Abaetetuba)

A construção (11) apresenta como tema um SN (*Thiane*) e como co-referente também um SN (*aqueela velha*).

Quanto a esse tipo de tema, ressaltamos a relação semântica estabelecida entre o SN que funciona como tema e seu co-referente, nas construções (12) e (13), a seguir. A primeira construção apresenta relação semântica entre a idéia de todo (*todas as outras paredes*) e de parte desse todo (*uma [parede]*). A segunda construção apresenta relação semântica entre um hiperônimo (*a pessoa*) e seu hipônimo (*esses doentes*). Deduzimos, então, que as relações semânticas (parte x todo, hiperônimo x hipônimo, por exemplo) são fatores que se relacionam com o tema.

(12) [só a parede que estava na altura que houvera de ser era a parede de oitão] *todas as outras paredes* ... *uma [parede]* estava com um metro ::: ou mais de metro

(13) quando ... porque *a pessoa* que se interna ali no Barros Barreto *esses doente* assim passa meses né?

– Pronome *ele* em função anafórica com co-referente igual ao tema (7 ocorrências)

(14) *Ele* já na hora que *ele* empurrava ela (O bicho estranho, Belém)

A construção (14) apresenta, como *tema*, o item pronominal *ele* em função anafórica e, como co-referente, o mesmo item pronominal anafórico. Esse caso só pôde ser observado, por termos considerado, em nossa pesquisa, a contigüidade das frases no discurso.

– Pronome *ele* em função não-anafórica com SN como co-referente (1 ocorrência)

(15) e *ela essa senhora...*pegou né? (Matinta Perera III, Belém)

A construção (15) apresenta como *tema* o pronome *ela* em função não-anafórica e como co-referente um SN (*essa senhora*). Pelo fato de o pronome *ela* não estabelecer uma relação de ordem anafórica com um referente anteriormente introduzido no discurso, esse tipo de tema infringe a regra de anaforização. Construções como (15) foram observadas também no *corpus* examinado por Koch (1997). Consideramos que a ocorrência (15) revela um caso de *clarificação* (ver a seguir).

Pelo exemplo dado por Dik (1989), que expressa a função pragmática extrafrase *clarificação*: (16) "He's a nice chap, *your brother*" / Ele é um bonito companheiro, *seu irmão*, deduz-se que essa função ocorre fora da estrutura da frase, no final do enunciado, apenas, e se realiza quando em um enunciado aparece um sintagma nominal que se relaciona com uma forma pronominal expressa anteriormente. Esse SN tem sido identificado na literatura lingüística como *antitópico* ou *antitema*. Na ocorrência (16) acima o pronome *he* (*ele*) é clarificado pelo SN *your brother* (*seu irmão*). Nossos dados revelaram a função *clarificação* realizando-se no início e também no meio da frase e o item clarificado sendo não apenas um pronome, mas outras pró-formas como os itens *assim*, *lá*, *ali* e *a/onde*. *Clarificação* para nós, portanto, ocorre quando um SN, no início, no meio ou no fim do enunciado, explicita uma pró-forma anteriormente referida.

– SN introduzido pela locução prepositiva *quanto a* e não retomado por pronome co-referente (1 ocorrência)

(17) *quanto ao que você falou de de fantasma* eu sou um cara disassombrado (ET de Altamira, Altamira)

A construção (17) apresenta o tema introduzido pela locução prepositiva quanto a: *quanto ao que você falou de de fantasma*, mas, diferentemente da construção com aquela locução apresentada por Dik (1989): "As for the students, they won't be invited" / *Quanto aos estudantes, eles não serão convidados*, o *tema* não é retomado por um co-referente expresso por um pronome ou por uma forma elidida. A frequência não-significativa no *corpus* de construção com tema introduzido pela expressão *quanto a* e congêneres, retomado ou não por pronome ou por elipse, dá margem a se concluir que o amazônida não-escolarizado ou de baixo grau de escolaridade não usa esse tipo de construção por não ser familiar ao seu meio lingüístico.

Sobre a expressão *quanto a*, gostaríamos de abrir um parêntese para expor considerações de Chafe (1978) apud Pontes (1987), Halliday (1985) e Ilari (1986) a respeito.

Chafe questiona se construções iniciadas com a locução prepositiva *quanto a* apresentam *tópico*, pois considera que essa expressão estabelece contraste e que o *tópico* prototípico é o que se realiza em línguas como o chinês: (18) "he chi tê pê? já" / Este campo — *tópico* —, o arroz é muito bom. *Tópico* aqui deve ser entendido segundo Chafe (1976) e Li & Thompson (1976): segmento que estabelece um quadro de referência para o que vai ser dito a seguir (apud Pontes, 1987).

Diferentemente de Chafe, Halliday vê que a expressão *quanto a* (e também expressões, como *com respeito a ...*, *sobre ...*) introduz *tema*, conforme verificamos nas ocorrências: (19) "As for my aunt, the duke has given her that teapot" / *Quanto a minha tia, o duque lhe deu este bule*; e (20) "About that teapot – my aunt was given it by the duke" / *Quanto a este bule – a minha tia foi dado pelo duque*, cujos temas, respectivamente, correspondem aos segmentos *as for my aunt* (*quanto a minha tia*) e *about that teapot* (*quanto àquele bule*).

Por sua vez, Ilari considera que a locução prepositiva *quanto a* funciona na língua para introduzir *tema*, e que esse corresponde ao item que segue aquela locução. Na frase (21) *Quanto a Pedro, não veio*, apenas *Pedro* é o *tema*. Utilizando-se do termo *tópico* e não do termo *tema* e considerando aquele como um elemento deslocado à esquerda e não “topicalizado”, Pontes faz referência a ocorrências, na língua portuguesa coloquial espontânea, de construções iniciadas com a locução prepositiva *quanto a*, como “*quanto a mim*”, em (22): *Quanto a mim, estou me lixando*.

– SN não-preposicionado correspondente a um SP
(4 ocorrências)

- (23) bem...o *acabamento* ninguém tinha recurso (A igreja da Terra Firme, Belém)
 (24) o *lobisomem* que a gente atirasse com bala de prata (Lobisomem II, Belém)
 (25) a *igreja*:::católica...só a parede que estava na altura que haverá de ser (A igreja da Terra Firme, Belém)

A construção (23) apresenta como *tema* adjunto adverbial não-preposicionado do verbo *ter*. A construção (24) apresenta como *tema* objeto indireto não-preposicionado do verbo *atirar*. A construção (25) apresenta como *tema* adjunto adnominal não-preposicionado do nome *parede*.

– Construção com QU (1 ocorrência)

- (26) *quem é* o vigário da igreja é o padre Francisco (A igreja da Terra Firme, Belém)

A construção (26) apresenta *tema* expresso por um segmento introduzido por uma forma QU (*quem*). Halliday (1985) considera que em frases equativas, como o é a ocorrência (26), o *tema* corresponde a um grupo nominal conhecido como *nominalização*. O *tema* seria, em (26), portanto, para Halliday, o

segmento *quem é o vigário da igreja*. Nós, no entanto, consideramos que o *tema* é a forma QU *quem* (é).

– Pronome demonstrativo com ou sem co-referente (2 ocorrências)

- (27) *o* que jogou pedra no gato ... *esse* morreu (Jacaré da lagoa, Altamira)
 (28) *e* :: *esse* ... *esse* ... lá ... lá :: na/no interior tem *um senhor* (Boto III, Belém)

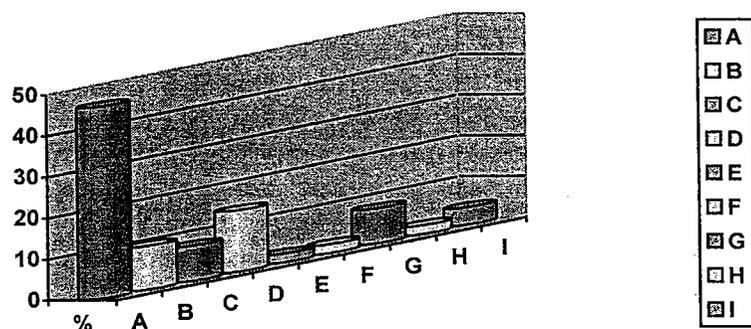
Consideramos que esse tipo de função pragmática extrafrase ocorre quando o falante usa, no início do enunciado, pronomes demonstrativos ou outras formas que apontam para um referente do contexto situacional, não referido anteriormente no discurso. A construção (27) apresenta como *tema* o pronome dêitico *o* e como co-referente o pronome demonstrativo de segunda pessoa *esse*. A construção (28) apresenta como *tema* o item dêitico *essa* e como co-referente o SN *um senhor*.

A Tabela 1 e o Gráfico 1, a seguir, demonstram os tipos de *tema* com suas respectivas frequências.

TABELA 1
DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS TIPOS DE TEMA

TIPOS DE TEMA	%
SN com pronome cópia elidido, ou não, como co-referente	22/47 = 46,8
Pronome pessoal dêitico com co-referente, elidido ou não, igual ao tema	5/47 = 10,63
SN com SN como co-referente	4/47 = 8,51
Pronome <i>ele</i> em função anafórica com co-referente igual ao tema	7/47 = 14,89
Pronome <i>ele</i> em função não-anafórica com SN como co-referente	1/47 = 2,12
SN introduzido pela locução prepositiva <i>quanto a</i> e não-retomado por pronome co-referente	1/47 = 2,12
SN não-preposicionado correspondente a um SP	4/47 = 8,51
Construção com QU	1/47 = 2,12
Pronome demonstrativo com ou sem co-referente	2/47 = 4,25

GRÁFICO 1
DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS TIPOS DE TEMA



Esclarecemos que as letras A, B, C, D, E, F, G, H e I, do Gráfico 1, correspondem, respectivamente, aos tipos de tema referidos na Tabela 1, acima.

Observamos que dentre os casos arrolados quase todos apresentam tema relacionado com um co-referente quer seja esse um SN ($19/47 = 19,14\%$), um pronome ($32/47 = 68,08\%$) ou zero ($3/47 = 6,38\%$). Houve apenas dois tipos de tema que não apresentaram co-referente.

No primeiro caso, um SP (adjunto adverbial, objeto indireto, adjunto adnominal) é deslocado para o início do enunciado sem a preposição.

(29) bem ... o acabamento ninguém tinha recurso. (A igreja da Terra Firme, Belém)

(30) o lobisomem que a gente atirasse com bala de pratava Lobisomem II, Belém)

(31) a igreja:: católica ... só a parede que estava na altura que haverá de ser. (A igreja da Terra Firme, Belém)

No segundo caso, o tema inicia com a expressão *quanto* a.

(32) quanto ao que você falou de de fantasma sou um cara dissassombrado (ET de Altamira, Altamira)

Diferentemente do *corpus* analisado por Koch (1997), que revelou que o tipo de seqüência *tema-remã* se dá com maior incidência quando a co-referência é feita pelo próprio elemento lexical anteposto, nosso *corpus* revelou que o tipo de tema SN com pronome *cópia elidido*, ou não, como co-referente se apresenta com maior incidência. A TABELA 1, acima, demonstra que a freqüência desse tipo de tema ($22/47 = 46\%$) foi bem maior do que a freqüência do tipo de tema SN com SN como co-referente ($4/74 = 8,51\%$).

Conclusão

A pesquisa permitiu concluir que o amazônida paraense, ao construir narrativas, se vale da função pragmática extrafrase *tema* com o intuito não só de organizar estruturalmente o conteúdo das expressões lingüísticas por meio de uma forma sintática distinta da relação sujeito X predicado, mas também de conseguir expressar mais claramente seus propósitos discursivos na interlocução. As construções com tema formuladas pelo amazônida paraense não decorrem, portanto, como à primeira vista pode parecer, da natureza do discurso não-planejado da língua oral; correspondem, sim, a uma estratégia discursivo-argumentativa de expressão. As construções aqui examinadas revelam processamentos lingüístico-cognitivos que condicionam o *tema* a fatores de natureza morfológica (locução prepositiva, formas QU), sintática (deslocamento de SN, ausência de preposição), semântica (relação todo X parte, hiperônimo X hipônimo, termos não-definidos) e pragmática (referentes do contexto situacional e considerados como ativados na mente do

interlocutor); e apresentam o tema relacionado, ou não, com um co-referente, podendo ser esse um SN, um pronome ou uma elipse.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- CASTILHO, Ataliba. A língua falada e sua descrição. In: _____. *Para Segismundo Spina; língua, filosofia e literatura*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Iluminuras, 1995, p. 69-90.
- CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DIK, Simon C. *The theory of functional grammar*. Holland/ Providence: Foris Publications, Dordrecht, 1989.
- HALLIDAY, M. A. K.. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985, p. 39-45.
- ILARI, Rodolfo. *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1986.
- KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.
- PONTES, Eunice Souza Lima. *O tópico no português do Brasil*. São Paulo: Pontes, 1987.